

ASSASSINO

SERGIO SANT'ANA

Encontrado o corpo, os indícios levavam facilmente ao criminoso e se gastaram algum tempo a prendê-lo foi por não o pensarem em seu próprio quarto, para onde se dirigira logo após o crime. Não havia outro lugar para ir e êle se deitou na cama com a roupa ainda suja de sangue e, acendendo o cigarro, fêz o tempo passar, à espera de que as idéias se aclarassem ou algo acontecesse. Mas foi uma longa noite, sem que o importunassem. E se a princípio o tempo se escoara neutro, não pôde, depois, evitar que o pensamento, em círculos, reconstituísse o que acabara de fazer.

Fumou um-dois-três cigarros, estranhando que o mundo permanecesse intacto ao seu redor, pois tão logo sentira o corpo sem vida sob suas mãos, soube que as coisas nunca mais seriam as mesmas e que algo muito grave fôra cometido. E era estranho, muito estranho, que o casal risse em meio à música do rádio no quarto ao lado e que os sons chegassem da rua familiares como sempre. Êle próprio, vindo por um momento à janela, surpreendeu-se interessado na aglomeração ao redor de uma insignificante batida de automóveis, quando, sem pensá-lo diretamente, ali foi para medir-se no espaço, embora já sem coragem para o salto... a menos que ainda fôsse capaz de impulsos; impulsos tão rápidos como aquêle que o fizera golpear a mulher por diversas vêzes com a pedra até matá-la.

Retornara, porém, a um estado no qual já não seria possível qualquer ato repentino e definitivo e sòmente poderia

aguardar que os pensamentos e emoções novamente o ocupassem. Voltou, então, à cama, instalando-se sobre as cobertas, com os sapatos ainda sujos da terra do parque. E o fato de não se incomodar com os cuidados da velha da pensão quanto à limpeza o fez reconhecer que algo se modificara e êle não esperava nenhum futuro próximo. E se ainda pensava na velha, era para imaginar-lhe o excitamento ao ser elevada à dimensão mais importante de hospedeira de um assassino.

Medindo-se, pela primeira vez, depois do crime, em palavras, a náusea o atingiu intensamente; o mesmo incômodo que o acompanhara quando, sem qualquer emoção traduzível a não ser pelo desgosto físico, tomou depressa o caminho de casa, sem ao menos olhar o corpo que ficara para trás. Agora, porém, uma vez aberto o caminho, começava a desmoronar-se a barreira erguida entre êle mesmo e os seus atos.

Deitado e olhando para o teto, estava imóvel e vazio e nada refletia um crime consumado, a não ser o frio no corpo e as contrações no estômago e, depois, tendo desejado que tudo não passasse de um delírio e sonho, obrigou-se a examinar friamente o sangue sêco nas mãos, o sangue coagulado nas bordas das unhas a certificá-lo de uma realidade mais poderosa do que todo o desejo que pudesse produzir. Como um último e irracional esforço, esfregou, então, as mãos nos olhos e pelo rosto, num gesto todo seu e que visava afastar o mundo e seu pêso. Mas, desta vez, o que surgiu no escuro de seu cérebro, ao invés de qualquer alívio, foi a face desfigurada da mulher. E, profundamente dentro de si, repetiu-se o barulho; um som diferente de todos os outros e que, no instante mesmo em que destruíra aquela frágil estrutura de carne e sangue, soube ser o de ossos se esmigalhando.

Homem feito, o soluço que irrompeu agora, independente, da garganta, também era um som nôvo e sem qualquer relação com aquêle choro de criança quase apagado na memória; porque naquele tempo não era responsável por nada e a mãe vinha e o consolava e mesmo os pequenos castigos formavam parte das suas necessidades naquele mundo seguro e imutável. Agora, nem a mãe poderia coisa alguma e seria preferível que estivesse

morta como o pai, pois era inútil reviver qualquer proteção e apêgo. Porque, neste momento, era obrigado a enfrentar-se e um crime fôra irremediavelmente consumado e êle se tornara um assassino e diferente e irreconhecível a todos os outros.

Solitário, chorava no quarto e fora da esfera dos outros homens e aguardando que êles surgissem e o castigassem; um castigo severo e anônimo, que talvez o fizesse compreender aquela mulher morta ao acaso; morta por um motivo que, agora, apagando distraído os cigarros ao queimarem-lhe as mãos, procurava arrancar de dentro de si; naquele mesmo quarto que, por questão de horas, fôra antes um neutro espaço onde nada de importante se produzia, a não ser os obscuros projetos e memórias a esgotá-lo na tentativa de um sono ou uma saída, num desespero constante sem grandeza, mas que, neste princípio de madrugada, parecia-lhe invejável pela ausência de mêdos; desejável pelo seu nada e a insignificância perdida dêle próprio. Entretanto, só umas poucas horas haviam transcorrido e assim eram o tempo, realizando-se indiferente, e as coisas, postadas ao seu redor e sem vida, iguais a sempre e dispostas do mesmo modo e, no entanto, súbitamente transformadas desde aquêle fim de jornada, quando (e êle, agora, por muitas vêzes e até a morte, iria reeditar o mesmo percurso) .

* * *

Êle chegara do trabalho e, não podendo suportar sua inútil presença dentro do quarto, saiu à rua e estêve indeciso diante de um cinema e um bar e, depois, percorrendo monótono as ruas do centro da cidade, sem um destino que o tornasse parte daquele comêço de noite, foi bater na porta daquela mulher de antigamente.

Na casa modesta e com o cheiro de milhares de refeições preparadas, êle se repetia com a memória, depois de ter jogado a partida de damas com o pai da mulher e ter-se feito tolerar pelo irmão. Sentado na velha e dura cadeira, partindo em pedacinhos uma caixa de fósforos, êle a vira entrar naquela hora e acenar-lhe desinteressadamente. Aquêle exato momento êle procurava reeditar, surpreendendo a memória já no caminho

da desintegração, como se muito tempo houvesse transcorrido. De modo que secava as lágrimas para melhor interrogar-se, na reconstituição de si mesmo e de sua vítima, por que a matara no parque, depois que ela dissera que sim — embora êle não contasse com isto nem estivesse seguro de que o desejasse — que estava bem e que poderiam sair. Então, por isto, descendo a rua em direção ao parque, sem que ao menos se dessem as mãos e desde logo desencantados do que pudessem trazer-se. Na rua êle se rememorava agora, no momento em que começaram a distinguir a grama, as árvores e os casais abraçados nos bancos. E êle apenas se desejara só e em seu quarto e com um sono que o conduzisse ao dia seguinte, já completamente certificado da impossibilidade de reproduzir mesmo aquêles momentos entre ambos, quando se descobriam e ensinaram-se o pouco que possuíam um e outro. Mas já se encontravam no parque e êle tentara conversar. Para que não permanecessem constrangidos e silenciosos, falou do calor e do trabalho, quando ela resmungara uma imperceptível resposta, recomendando-lhe, por sua vez, um filme; um filme qualquer, do qual não conseguia, neste momento, na cama e ainda imóvel, lembrar o nome, assaltando-lhe apenas a lembrança de como a achara ridícula e desinteressante.

Fechava os olhos com fôrça e recompunha a figura dela, desgraciosa e em silêncio depois de ter falado; reconstituí-la, procurando novamente um motivo de havê-la matado, quando, após andarem de um lado para outro, imobilizou-a junto à árvore, perseguindo uma carícia. Uma carícia desde o princípio desesperançada e êle apenas esperou que ela o repelisse e que retornasse para casa, para que também pudesse estar logo em seu quarto e dormindo. Mas ela não o repelira nem o aceitara; limitando-se a permanecer estática junto à árvore e êle beijou sem emoções uma bôca fechada sob os olhos que viam adiante e depois das árvores, a indicar uma paciência de que as coisas logo se cumprissem e ela fôsse deixada em paz. Por isto, talvez, a tivesse assassinado. Por não suportar o tão pouco surgido do encontro de ambos, como se aquela fôsse uma última oportunidade.

Nunca saberia ao certo, êle começava a se aperceber, condenado à dúvida dentro de si e ao rosto desfeito da mulher a acompanhá-lo como um enigma. Um rosto inexpressivo e sem beleza do qual ainda retinha um último sôpro de vida, do instante em que, distanciando-se, a olhara fixamente, como se a captar o mistério de sua inutilidade, para, depois, começar a bater-lhe com as mãos fechadas, descobrindo em si uma fôrça e um ódio de que nunca antes se imaginara detentor e que, agora, nesta lenta espera, havia de todo desaparecido, para ceder lugar não ao remorso — eis que não era capaz de piedade por ela que nada fôra ou perdera e morreu ao acaso e sob os golpes de uma fatalidade que terminaria por atingir a todos — mas ao mêdo dos homens e à aflicção por si próprio, instrumento daquela dureza e crueldade.

Êstes eram pensamentos aos quais poderia agarrar-se como um quase consôlo. Mas para os homens que encontrassem o corpo, de nada valeria uma verdade que não fôsse a dêles. Os homens se defrontariam com uma mulher morta e brutalmente espancada; aquela mulher a provocar-lhe novamente mêdo e náuseas de ser só o assassino e em cuja face quebrada buscava para si um arrependimento em que se sustentar, mas encontrando sòmente a objetividade de uma matéria esraçalhada e um desespêro por si e por todos. De nôvo fraco, após aquêle único momento selvagem, não conseguiria esconder aos homens tôda a verdade; não a sua própria, mas a fria objetividade dos braços batendo e matando. Êle terminaria por confessar-lhes que começara a espancá-la com os punhos cerrados, à espera de que ela gritasse ou corresse, mas apenas foram fixados nêle os olhos medrosos e espantados e ela se defendera levantando os braços e êle então tomou da pedra e desferiu um primeiro golpe. Ela soltou um gemido, permanecendo de pé e imóvel apesar do sangue escorrendo e êle quis nunca ter feito aquilo, quisera não ter golpeado mais, mas houve o sangue descendo da testa e um outro gemido e o terrível desamparo nela tôda; um olhar de surprêsa, a procurar uma razão para aquilo tudo, quando o viu desferir-lhe mais um e vários golpes com a pedra.

Êle não quisera ferí-la nem matá-la; desejava estar longe

e terminar logo com aquilo, mas houve o sangue e os gemidos e os olhos espantados e fôra obrigado a destruí-la: a morte era a única maneira de tudo consumir. Naquele instante, soube que a única razão de estar ali era matá-la, estranhando somente que não houvesse também qualquer fôrça a aniquilá-lo ao invés daquela passividade de pessoas no parque, talvez desviando os olhos para não se verem envolvidas. Uma fôrça maior a destruí-lo imediatamente, porque aquêle fôra um ato total e definitivo, a não exigir nenhum prosseguimento ou castigo posterior, sem relação com o que o provocara. Porque, sobrevivente, êle se resumiria, naquele quarto e depois o cárcere, na revivência daquele conjunto de gestos, os únicos que agora lhe pareciam realizados por suas mãos e, no entanto, movimentos que não comandara e não poderia reconhecer como seus.

* * *

Tendo feito repetir-se, minuciosamente e pela primeira vez, o desenrolar-se da morte, então parou de chorar, embora subsistissem o mêdo e a vergonha de quando os homens chegassem. Pedir-lhe-iam um motivo e êle só poderia apresentar-lhes a descrição de como as coisas haviam se passado, pois percorrendo novamente todo o caminho não encontrara culpa e motivo e tudo se fizera como num sonho mau. Mas havia bem o sangue e um cadáver e um prêço a ser pago, pois tôda e qualquer obscura justificativa que pudesse produzir não estaria na medida dos homens, esforçando-se por ordenar aquêle caos. Êle pagaria o prêço dos homens, eis que nada lhes poderia oferecer em troca de sua ordem, a não ser — e isto lhe atravessava o pensamento como uma pequena luz — a tentativa de explicar-lhes, para não ser tão só e isolado, que, embora se pronfificasse ao castigo e mesmo desejasse ser pôsto à margem, havia uma fôrça e desgraça comum e maior do que êles todos a absolvê-los.

Embora sofrendo e desamparado diante da enormidade das fôrças que o haviam impellido, os outros o olhariam como um cão danado e lhe preservariam apenas o desejo da morte como única certeza a assemelhar-se a um objetivo. Seria preciso,

então, o passar das primeiras e pesadas nuvens para que um lugar entre os homens talvez lhe fôsse consentido, fora do circuito fechado de sua singularidade e desesperança.

Este era, embora improvável, o único apêgo possível além da morte, no seu mêdo de estar só e aniquilado, não formando parte de nada a não ser aquelas quatro paredes e êle próprio e suas novas descobertas. Escutando, então, os sons irreais do escuro e, depois, do despertar do dia, consumiu até a última ponta dos seus cigarros. No desejo e temor de que os homens surgissem e embora houvesse, por algum tempo, o frio, não mudou de posição, com o receio de ver apagar-se este último brilho e sua possível verdade; êle, o receptáculo de forças desconhecidas.

* * *

DE MANEIRA QUE, QUANDO, FINALMENTE, após o terem levado aos empurrões, com seus medrosos olhos fixos nos guardas e nenhuma resistência, para o carro e a seguir a cela imunda; depois de lhe terem batido e interrogado e, enfim, concedido, por suas confissões, a tranqüilidade de um canto de cela, onde os outros, vendo naqueles olhos acesos e mortos e no mover constante e silenciosos dos lábios uma ameaça, deixaram-no em paz; e passados todos aquêles meses de espera e de soluços e desenhos invisíveis na parede, na composição de uma inteira e paciente justificativa, FOI CONDUZIDO DIANTE DO JUIZ E OS OUTROS E, tendo-lhe sido pedida a confirmação daquilo de que o acusavam, VIU CHEGADA A OPORTUNIDADE DE EXPLICAR-LHES; de dizer-lhes, afinal, que não era nenhum assassino, pois não se reconhecia naquela morte e não a queria nem houvera motivo para tê-la consumado e que homem algum podia interferir com as coisas e eram todos instrumentos cegos do desastre e do acaso; sim, a hora de dizer-lhes o que descobrira — e por isto merecendo que o aceitassem — : que os atos vinham muito antes de qualquer pensamento a justificá-los ou condená-los e, portanto, não havia verdadeiramente assassinos; NESTE MOMENTO, ÊLE DEU UM PASSO À FRENTE, UM LARGO PASSO ADIANTE

SEGUIDO DE UM GESTO, UM SENTIDO MOVIMENTO QUE FEZ CONCENTRAR EM SUA PESSOA TÔDAS E POUCAS FISIONOMIAS DESATENTAS DA SALA.

ÊLE SE LEVANTARA E, com o braço estendido e um tímido sorriso, LHES MOSTRARIA QUE NÃO ERA CULPADO, que ninguém era culpado E, ASSIM, do mais profundo de si mesmo, PRINCIPIOU UMA FRASE, uma palavra, um ronco intraduzível, O COMEÇO DO QUE SERIA SUA SALVAÇÃO, SE FÔSSE POSSIVEL, como antes chegara a acreditar naquele quarto e depois na prisão, DIZER AOS HOMENS TÔDA A SUA VERDADE; UMA VERDADE QUE, REPENTINAMENTE — após desvencilhar-se de seu embaraço e ter começado a explicar que apenas tomara da pedra, por um impulso e fôrça maiores do que êle, e desferira na mulher um primeiro golpe — assim à-toa e sem explicações (e isto era o que todos precisavam entender) — e, depois, como houvera sangue e gemidos e desespêro, fôra obrigado a destruí-la para sempre — ÊLE DESCOBRIU, ali de pé e desarmado diante dos homens, SER UM PESADELO MAIOR DO QUE O SEU PRÓPRIO CRIME, PARA, ENTÃO, não chegando a nenhum término e percebendo nos olhares hostís e definitivamente convencidos que jamais haveria um entendimento e uma segunda oportunidade, DEIXAR CAIR O BRAÇO E RESPONDER DESALENTADO, quando, após os vários minutos que lhe concederam de expectativa, o juiz lhe perguntou, por outra e três vêzes e já impaciente, se fôra bem êle e daquela forma descrita que matara a mulher — QUE SIM e sòmente isto: QUE FÔRA BEM ÊLE QUE MATARA A MULHER.